

ASSOCIATIVISMO: ESFORÇO PACÍFICO CONTRA A VIOLÊNCIA

Clodomir Morais*

RESUMO: O desemprego e o subemprego que configura a marginalidade, no Brasil, têm conformado uma força social tão poderosa que chega mesmo a impor um diário "toque de recolher", a partir das 21 horas, nas 100 maiores cidades do País, obrigando perto de 50 milhões de brasileiros a não sair de casa sem o risco do assalto a mão armada. Nas maiores cidades brasileiras, as ruas e praças centrais, à boca da noite são evacuadas rapidamente pela população compradora. Logo, em seguida, o comércio protege suas portas com fortes grades de ferro enquanto a população se desloca aos bairros para proteger-se no lar; lar de janelas e portas também reforçadas por grades de ferro.

PALAVRAS – CHAVE: Desemprego, Subemprego, Marginalidade e População.

ABSTRACT: Unemployment and underemployment that configures the marginality, in Brazil, have formed a social force so powerful that even impose a daily "curfew", from 21 hours in the 100 largest cities in the Country, forcing nearly 50 million Brazilians do not leave home without the risk of robbery at gunpoint. In larger cities, the central squares and streets from night are evacuated quickly by buyer. Soon then trade protects its doors with strong iron grids while the population moves to neighborhoods to protect yourself at home; home of Windows and doors also reinforced by iron grids.

KEYWORD: Unemployment, Underemployment, Marginality and Population.

I - O NOSSO PROBLEMA CRUCIAL E SUA EXTENSÃO

O desemprego e o subemprego que configura a marginalidade, no Brasil, têm conformado uma força social tão poderosa que chega mesmo a impor um diário "toque de recolher", a partir das 21 horas, nas 100 maiores cidades do País, obrigando perto de 50 milhões de brasileiros a não sair de casa sem o risco do assalto a mão armada.

É tão patente esta dura realidade que um ministro da Justiça foi à televisão aconselhar aos que infringem o "toque de recolher" no sentido de que tenham sempre algum dinheiro no bolso, porque a falta deste poderá irritar o assaltante e levá-lo a produzir maior violência.

Calcula-se em um milhão de adolescentes (conhecidos por "trombadinhas") que, vivendo fora do controle dos pais, se dedicam a furtos e assaltos.

Nas maiores cidades brasileiras, as ruas e praças centrais, à boca da noite são evacuadas rapidamente pela população compradora. Logo, em seguida, o comércio protege suas portas com fortes grades de ferro enquanto a população se desloca aos bairros para proteger-se no lar; lar de janelas e portas também reforçadas por grades de ferro.

Há menos de meio século as pessoas podiam livremente desfrutar do passeio noturno para ver vitrines, parques, teatros, templos, cinemas, estádios de futebol.

Naquela época somente os agentes da violência estavam metidos atrás das grades. Hoje, a coisa está completamente invertida, diametralmente oposta: à noite a cidadania é recolhida às grades de ferro que protegem portas e janelas do seu lar, enquanto que a violência campeia nas ruas pondo em risco a tranqüilidade de todos.

Inverteram-se inclusive os critérios da arquitetura, pois a grade que antes era o símbolo dos estabelecimentos penais passou a impor-se como componente arquitetônico de habilitação familiar. É por isso que a serralheria constitui um setor industrial em expansão.

Não seria exagerado dizer que a maioria dos brasileiros, hoje em dia, dorme atrás de grades por temer a violência que impera nas ruas. E, por conta disso, em expansão entra a indústria de novela de televisão, a fim de que ninguém morra de tédio, encerrado em sua casa.

Cumpra-se assim a profecia de Josué, não o rei que conduziu os judeus à Terra Prometida e sim o médico e sociológico Josué de Castro que dizia que a população das grandes urbes, um dia, estaria composta **"dos que não comem e dos que não dormem: não dormem com medo dos que não comem"**.

De fato, esta é a triste realidade em que vivemos. Pior ainda porque o medo aos desempregados, ou seja, o medo aos que não comem rouba ao indivíduo a liberdade de sair à noite. Muitos têm medo de sair mesmo em automóvel e gritam por mais policiamento nas cidades, como se já não fossem excessivamente pesados aos cofres públicos e privados os serviços destinados à segurança pessoal e do patrimônio.

II- AS CAUSAS DO PROBLEMA

Toda nossa história mostra que o brasileiro é de espírito e índole pacífica e, por isso, avesso à guerra e à violência. Se este hoje constitui o mais grave problema social dos brasileiros, é porque não se tem tratado de ultrapassar adequadamente as causas da violência que não são outras se não o desemprego e o subemprego.

Na medida em que crescem o desemprego e o subemprego, cresce também a violência.

Nos Países do Terceiro Mundo de economias deformadas e incipientes o progresso técnico da agricultura, na medida em que melhora as condições de vida rural, desloca população para os centros urbanos. Este constitui o custo da incorporação tecnológica com o propósito de aumentar a produção e incrementar a produção de mercadorias, não importa o marco político-filosófico que o presida. As megalópoles marcam as geografias dos Países ocidentais e orientais; do hemisfério norte e do sul. Quer dizer que, em qualquer parte do planeta onde existir a produção mercantil, seja em forma de bens ou de serviços a tecnologia é sempre buscada para reduzir os custos da produção e dos preços das mercadorias, reduzindo, em consequência disso, braços nos centros de trabalho, empurrando esses braços livres à procura de trabalho em outros lados.

É tão inexorável o "metabolismo" da economia da produção mercantil, que chega a desrespeitar a vontade dos homens que a desconhecem ou não levam em conta. Exemplo mais típico dessa, dir-se-ia, fatalidade é o caso dos riograndenses do sul que sempre tiveram uma agricultura e uma indústria doméstica modelares, baseadas na produção familiar.

Com efeito, os nossos gaúchos sempre endeusaram os seus "pagos" e a sua "querência"; quase não saiam das suas fronteiras nas proporções dos emigrantes nordestinos.

Nos nossos dias, avalanches de emigrantes riograndenses do sul se espalham por todo o centro e grande norte brasileiro. Eles não puderam permanecer tranquilos e felizes nas suas "querências", apesar de serem os brasileiros que mais tempo tiveram nas mãos as rédeas da República. Com efeito, nos 100 anos de vida republicana, o Brasil tem sido governado, quase metade de um século, por gaúchos e muitos deles com plenos poderes, em

regimes ditatoriais.

Hoje, o Rio Grande do Sul consome até verduras e legumes produzidos nos grandes centros de moderna produção, por não ter podido absorver na agricultura ou na indústria as massas desempregadas do campo.

A absorção de braços excedentes da agricultura foi um fenômeno normal na história econômica dos Países mais desenvolvidos do século passado. É que a revolução industrial, nos seus primórdios, estava montada sobre uma tecnologia ainda pobre, limitada pela mecânica consumidora de grandes massas de trabalhadores. Além disso, os braços excedentes da agricultura foram em grande parte absorvidos também nas construções de canais e de numerosas estradas de ferro e nos esforços de expansão colonial.

Com o Brasil e com outros países do Terceiro Mundo de tardio desenvolvimento capitalista, a máquina penetrou na agricultura (expulsando do campo populações rurais) na mesma época em que a fotocélula invadiu a indústria reduzindo suas necessidades de braços e impedindo dita indústria de cumprir seu clássico papel de absorvedora de consideráveis porções de excedente de mão de obra rural.

Daí porque, dado a esse anômalo "metabolismo" do capitalismo tardio, no nosso País o migrante rural, ao chegar à cidade, é logo inserido não na indústria (impossibilitada de absorvê-lo) e sim no Setor Terciário, ou seja, nos Serviços. Ele se incorpora ao comércio ambulante, ou como biscoiteiro de milhares de barracas que proliferam marcando de cashbad, ou medinas orientais, os grandes centros urbanos. Outros migrantes de menor sorte, que não conseguiram incorporar-se nem à Indústria nem aos Serviços, são, no entanto, incorporados às fileiras da violência e que a fome e o desemprego geralmente induzem.

III - COADJUVANTES DA SOLUÇÃO

Os braços que a Agricultura e a Indústria não puderam absorver têm que ser incorporados à produção de bens ou de serviços se não se quiser vê-los, engrossando, cada vez mais, as hostes da violência. Em duas palavras: ou são incorporados ao trabalho, ou serão incorporados à violência.

Para isso dever-se-á preencher vastos espaços econômicos e sociais que requerem profissionais organizados em estruturas de produção e de serviços. As coisas dos homens são feitas pelos homens. o dinheiro, a tecnologia, nada

fazem sem os homens que trabalham: e os homens só fazem bem as coisas quando estão adequadamente organizados para isso.

Todo mundo tem dor de cabeça quando necessita de um electricista, ou de encanador, ou de um pintor, ou de um tipógrafo, ou de um cozinheiro, de um carpinteiro, ou de um mecânico, ou de pedreiro, ou um alfaiate, de um protético, de artesãos de todo tipo; ou de um datilógrafo, ou de uma babá de velhos e inválidos; ou de uma simples empregada doméstica, ou de um jardineiro, de massagista, de professores, de tradutores e de tantos outros profissionais que não têm trabalho ou operam ocasionalmente.

As dores de cabeça sobrevêm pelo receio de contratar serviços de indivíduos que não estão apoiados em uma razão social, uma empresa, uma cooperativa, um coletivo de trabalho ou uma associação comunitária idônea.

Hoje, já se tem bem claro que os produtores remunerados só trabalham em cooperação quando estão ao redor de **insumos indivisíveis**, ou seja, ao redor de meios de produção e de serviços postos à sua disposição ou em propriedade comum de todos os associados.

A pequena infra estrutura (o teto), o veículo, o telefone, a maquinaria simples, utensílios, instrumentos, e ferramentas de trabalho de propriedade e uso comunitárias sempre se consegue com a Comunidade Solidária, com a Secretaria de Assuntos Comunitários da Presidência da República ou com outras instituições similares existentes em níveis estaduais e municipais.

Sobram profissionais desempregados. Só as Forças Armadas, por exemplo, cada ano, jogam no mercado de trabalho entre 40 e 50 mil profissionais jovens, formados durante o serviço militar, além de milhares e milhares de profissionais formados anualmente pelo SENAI, SENAC e por centenas de outras instituições congêneres e universidades.

Como se vê, sobram profissionais. O que falta mesmo são instituições especializadas em "construir" estruturas organizativas capazes de incorporar os milhões de profissionais sem trabalho. Faltam quadros organizadores de cooperativas de trabalho e de outras formas de cooperação que absorvem o desemprego. Para tanto, há que criar-se uma instituição que seja o novo "bandeirante" da expansão do emprego dotada de centros de **capacitação em organização dos produtores, com vistas à expansão real do emprego (COPEERE)**.

***Clodomir Moraes.** Doutor em Sociologia pela Universidade de Rostock/Alemanha
Professor visitante / UFRO.